

CULTURA

Umbanda, a religião brasileira que chegou à Alemanha

Gabrielle Hilgers fundou o primeiro terreiro alemão. Há um ano começou a sentir o preconceito que a prática desperta no Brasil

CARLA JIMÉNEZ | São Paulo | 22 NOV 2015 - 14:25 BRST

Arquivado em: Escravidão Tráfico personas Alemanha Negros Europa Central
Grupos sociais Europa Religião Delitos Justiça Sociedade



Gabrielle, mãe no santo que abriu um terreiro de umbanda da Alemanha / LILIANA ISRAELE

O coração segue caminhos misteriosos e foi por um desses mistérios que a terapeuta alemã Gabriele Hilgers se casou com o Brasil. O casamento foi selado através da umbanda, a religião brasileira que ela conheceu há dez anos e se apaixonou de tal forma que a levou para a sua terra natal. Gabriele se tornou a primeira mãe no santo alemã, status das sacerdotisas desta prática religiosa, depois de ser coroada em 2006 por um pai no santo brasileiro. Dois anos depois inaugurou [o primeiro terreiro de umbanda da Alemanha](#). A dança alegre, o som dos atabaques e a linguagem simples para aflorar o amor ao próximo “tem quebrado paradigmas dos alemães que frequentam esta casa”, comenta mãe Gabrielle.

A religião brasileira, que acaba de completar 107 anos no último dia 15, nasceu [sob influência dos negros trazidos da África](#) para cá na época da escravidão. Ela trabalha a espiritualidade sob a inspiração de espíritos antigos e um panteão de orixás, as divindades cantadas em verso e prosa no Brasil. [De Vinícius de Moraes](#) (era adepto da religião), a Gilberto Gil, de Chico Buarque a [Gal Costa](#), todos já

renderam homenagem às figuras de Iemanjá, a rainha do mar, Oxum, que mora nas cachoeiras, ou pai Xangô, que vive na pedra... Hoje os alemães também ‘batem cabeça’ – expressão usada para discriminar a saudação aos guias espirituais na umbanda – a todo o panteão de divindades desta religião, que lembra, em alguns aspectos, a mitologia grega.

Dezenas de alemães vestidos de branco se reúnem semanalmente na [Casa de Irradiações Espirituais de São Miguel](#), o centro de umbanda de Gabriele, que funciona atualmente em Viehl, mas está de mudança para Colônia, a quarta maior cidade alemã, onde será reinaugurada em janeiro.

Pele branquinha, olhos azuis e cabelos negros, Gabrielle é natural de Dusseldorf. Chegou à umbanda quando pesquisava novas religiões pelo mundo. Era uma etapa em que se encontrava inquieta, disposta a aprofundar sua capacidade de cura, que até então estava restrita aos conhecimentos da psicologia pela física quântica, uma divisão da física tradicional que enfatiza o poder da energia do pensamento, positivo ou negativo, sobre as pessoas.

Ironicamente, foi durante uma imersão de meditações na Índia que ela sentiu o impulso de aprender português e vir ao Brasil, onde nunca havia pisado antes. “Foi assim. Tive vontade de aprender a língua portuguesa. Não sei por que tive essa vontade se nunca havia tido contato com o país”, lembra. Seguiu a intuição e pediu indicações de espaços que desenvolvessem a espiritualidade. Chegou a [um centro que lhe foi recomendado](#), na zona sul de São Paulo. Ao ouvir o som do atabaque que acompanha os ritos de umbanda, e a atmosfera de dança e de entrega à incorporação, disse a si mesma: “Isto é pra mim!”. “Eu dancei o tempo todo, algo que nunca havia feito antes, e pensava internamente: ‘isto é uma loucura’. E me senti feliz, como sempre me sinto quando estou com a umbanda.”



Gabriele em cerimônia no centro de umbanda na Alemanha. / ARQUIVO PRÓPRIO

Sair do controle para uma representante da cultura germânica foi, ao mesmo tempo, inesperado e libertador. “É uma chance para nós, alemães, de viver a nossa verdade pelo coração, numa religião que não tem dogmas, como é a umbanda”, afirma. Ao contrário do catolicismo, por exemplo, onde os referenciais de transcendência são santos tão bondosos que beiram à

perfeição, os filhos da umbanda conhecem a luz e a sombra dos orixás que regem a sua vida. Na luz, as qualidades afloram. Na sombra, os defeitos. Oxum, por exemplo, tem

infinita amorosidade pelo outro. Mas é ciumenta, e não gosta de ser contrariada. **Ogum é guerreiro**, forte e determinado. Mas também instável e impulsivo e por vezes arrogante.

A simplicidade com que são apresentados os torna mais próximos das pessoas, que se enxergam nesse espelho ao ver seu potencial, ao mesmo tempo em que se sentem mais à vontade ao reconhecer suas falhas quando percalços da vida coloca o equilíbrio em risco. Um bálsamo para seu seguidores no Brasil e para a rigidez alemã, assegura Gabriele. “Os alemães se sentem confortáveis com a umbanda porque podem ter um contato com Deus sem ter o peso de serem 100% corretos e perfeitos o tempo todo. Traz leveza para a sua realidade”, afirma. O erro se transforma numa fonte de aprendizado e não mais de penitência, compara.

A religião brasileira viva a crença de que os médiuns incorporam espíritos antigos de uma dezena de entidades, como o preto velho – espíritos de negros idosos, quase sempre escravos que morreram e guardam sabedoria para lidar com os problemas terrestres –, ou o caboclo (índios guerreiros), e com a inspiração desses ancestrais se comunicam com as pessoas que procuram o centro de umbanda para dividir suas preocupações ou tristezas, em busca de uma orientação ou apenas um ombro amigo. “Temos recebido gente da Alemanha inteira e também de outros países vizinhos”, contou Gabriele ao EL PAÍS em sua passagem por São Paulo. Como no Brasil, as pessoas que buscam um 'atendimento' na umbanda vão atrás da cura de todo tipo de dor. Mágoa, raiva, ansiedade, depressão, dívidas... aquele momento confuso em que não se vê nenhuma saída. Quase sempre a porta de entrada para as religiões. A umbanda, porém, parece mais descomplicada a seus fieis e elementos muito familiares ao Brasil.

Os médiuns alemães atendem os seus invocando a energia das entidades conhecidas dos brasileiros, mas também trabalham com arquétipos da cultura local, como druidas e wikas, da mitologia celta. Hoje, centenas de alemães frequentam a Casa de Gabriele, que já vislumbra a coroação de três novos sacerdotes: duas mães no santo e um pai no santo, todos nascidos na terra da chanceler Angela Merkel. Quando questionada se os alemães não deveriam se sentir menos à vontade diante de um credo vindo de um país tão diferente, Gabriele responde certa: “Os brasileiros são muito mais evoluídos espiritualmente que os alemães”, garante.

Mas, nem todos têm essa leitura e algumas provações começaram a aparecer no caminho desta mãe no santo. Depois de uma acolhida calorosa no início, com fieis seguidores e um público crescente, há um ano começou a sentir na pele o

preconceito que a religião também desperta no Brasil. Os vizinhos do endereço atual onde se encontra o terreiro começaram a reclamar da movimentação no entorno, do barulho dos tambores, do canto e a estranhar as vestimentas do grupo. “Começaram a me chamar de ‘líder de seita’, a reclamar na prefeitura, a enviar cartas para os jornais locais”, conta. Nada, porém, a faz desanimar da sua missão. “Me aguardem, não vou desistir jamais”, afirma, que já sonha com novos espaços dentro em breve.